BABOSA: DA TRADIÇÃO POPULAR ÀS DESCOBERTAS CIENTÍFICAS

Aline Raquel Speth Rothmund[1]
Dafinyn Eduarda da Silva[2]
Julia Eduarda Bulsing [3]
Leni Furlan Limberger [4]

BABOSA: DA TRADIÇÃO POPULAR ÀS DESCOBERTAS CIENTÍFICAS

Instituição: Escola Municipal de Ensino Fundamental Jacob Rech Segundo

Modalidade: Relato de experiência

Eixo Temático: Vida, Saúde e Ambiente

1. Introdução

A babosa (Aloe vera) é uma planta conhecida por seu uso tradicional em diferentes culturas, especialmente nos cuidados com a pele, os cabelos e a saúde. No Brasil, seus usos integram conhecimentos da medicina popular transmitidos principalmente no ambiente familiar e comunitário. O interesse das estudantes surgiu da observação de que a planta está presente em muitas casas da comunidade escolar e é utilizada de diferentes maneiras pelas famílias. Essa curiosidade transformou uma prática cotidiana em objeto de investigação científica.

O projeto foi desenvolvido por duas estudantes do 9º ano da EMEF Jacob Rech Segundo e um professor, com a parceria da Secretaria Municipal de Educação, do Programa A União Faz a Vida/Sicredi e da Educa Mais Projetos. A proposta buscou aproximar escola, comunidade e instituições parceiras, valorizando a pesquisa, a participação estudantil e os conhecimentos locais. Considerando que nem todos os usos tradicionalmente atribuídos à planta possuem o mesmo nível de comprovação científica (QUEIROGA et al., 2019), tornou-se importante relacionar os saberes populares às evidências disponíveis.

O objetivo geral foi investigar os usos da babosa presentes na comunidade, relacionando os saberes populares transmitidos entre gerações às informações científicas e às práticas sustentáveis. Especificamente, buscou-se conhecer características da planta, identificar formas de utilização pelas famílias, valorizar saberes transmitidos entre gerações, analisar dados da comunidade escolar e incentivar o cultivo de mudas em recipientes recicláveis.

A investigação, buscou aproximar ciência, saber popular, sustentabilidade e realidade local, permitindo que as estudantes compreendessem que elementos presentes no cotidiano da

[1] Professora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Jacob Rech Segundo, spethaline13@.com
[2]Estudante do nono ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Jacob Rech Segundo.
[3] Estudante do nono ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Jacob Rech Segundo.
[4] Professora de matemática da Escola Municipal de Ensino Fundamental Jacob Rech Segundo.

comunidade também pode ser ponto de partida para a pesquisa e para a construção de novos conhecimentos.

2. Procedimentos Metodológicos

A investigação foi orientada pela pergunta exploratória: "De que forma os conhecimentos populares sobre a babosa presentes em nossa comunidade se relacionam com as descobertas científicas sobre essa planta?" Inicialmente, realizou-se pesquisa bibliográfica sobre origem, características, cultivo, propriedades estudadas e aplicações da Aloe vera, utilizando, entre outras fontes, Lorenzi e Matos (2008) e Queiroga et al. (2019). As informações subsidiaram as entrevistas, o questionário e a análise dos dados.

Expedição investigativa: os saberes das avós

Como parte da expedição investigativa, as estudantes entrevistaram, em suas residências, as avós Ivone Machado Bueno Festinalli e Jurema Unfer Forster. As perguntas, elaboradas pelas próprias estudantes, abordaram como conheceram a babosa, suas finalidades, formas de preparo e a origem desses conhecimentos. Foram relatadas preparações como pomada, suco e xampu, além de usos em cuidados pessoais e de saúde. As informações foram registradas por anotações e fotografias e posteriormente comparadas com a pesquisa bibliográfica. A experiência evidenciou a transmissão oral dos saberes e a necessidade de diferenciar tradição e evidência científica.

Cultivo das mudas

Outra etapa envolveu o cultivo de mudas de babosa em recipientes recicláveis. Durante cerca de dois meses, as estudantes acompanharam crescimento, aparência das folhas, necessidade de água, exposição à luz e condições do substrato, registrando o processo por anotações e fotografias. A experiência mostrou a possibilidade de cultivo em pequenos espaços e relacionou a investigação ao reaproveitamento de materiais e à sustentabilidade.

Levantamento com as famílias

Foi aplicado um questionário a 63 famílias de estudantes da EMEF Jacob Rech Segundo, com questões sobre conhecimento da babosa, presença e utilização da planta, origem dos saberes, finalidades atribuídas e possibilidade de cultivo em recipientes recicláveis. Os dados foram organizados e analisados em conjunto com os relatos das avós e as informações bibliográficas, ampliando a compreensão sobre a presença da Aloe vera na comunidade escolar.

3. Resultados e Discussão

Os resultados demonstraram forte presença da babosa no cotidiano das famílias pesquisadas. Todas as 63 famílias (100%) afirmaram conhecer ou já ter ouvido falar da planta. Além disso, 61 famílias (96,8%) relataram que alguém da família já utilizou a babosa. Esses dados evidenciam a proximidade do tema com a realidade da comunidade e justificam sua escolha como objeto de investigação.

A transmissão familiar apareceu de forma expressiva: 60 participantes (95,2%) indicaram pais ou avós como fonte dos conhecimentos sobre os benefícios da babosa, e 59 famílias (93,7%) afirmaram acreditar que esses saberes são transmitidos de geração em geração. Os resultados convergem com a expedição investigativa, na qual Ivone Machado

Bueno Festinalli e Jurema Unfer Forster compartilharam experiências e conhecimentos aprendidos no contexto familiar, evidenciando o papel da memória e da oralidade.

Quanto às finalidades atribuídas à planta, 54 famílias (85,7%) assinalaram conjuntamente usos relacionados aos cuidados com a pele, cabelos e queimaduras. A investigação permitiu perceber, contudo, que a recorrência de um uso tradicional não comprova, por si só, sua eficácia ou segurança. Ao comparar relatos familiares e literatura, as estudantes compreenderam a diferença entre saber popular, experiência pessoal e evidência científica, reconhecendo aproximações especialmente em usos tradicionais ligados à pele e aos cabelos (LORENZI; MATOS, 2008; QUEIROGA et al., 2019).

A proposta de cultivo em recipientes recicláveis também apresentou boa aceitação: 56 famílias (88,9%) afirmaram que cultivariam babosa dessa forma caso tivessem pouco espaço. A prática desenvolvida pelas estudantes relacionou o cultivo ao reaproveitamento de materiais e aos princípios de educação ambiental e sustentabilidade presentes no Programa Verde é Vida (AFUBRA, 2026).

O percurso evidenciou ainda o protagonismo das estudantes, que participaram da elaboração das perguntas, pesquisa bibliográfica, entrevistas, registros, cultivo, aplicação do questionário, organização dos dados e comparação entre diferentes fontes. Assim, a pesquisa não buscou apenas confirmar conhecimentos familiares, mas investigá-los criticamente, valorizando a cultura da comunidade sem deixar de considerar os limites das evidências disponíveis.

Assim, a pesquisa possibilitou compreender que a valorização do conhecimento tradicional pode caminhar junto à investigação científica. Ao ouvir a comunidade, investigar as informações e confrontá-las com fontes científicas, as estudantes desenvolveram uma postura mais crítica e responsável diante dos diferentes tipos de conhecimento, compreendendo que investigar cientificamente também significa saber ouvir, questionar, comparar e construir novos conhecimentos a partir da realidade vivenciada.

4. Conclusão

O objetivo da pesquisa foi alcançado e a pergunta exploratória pôde ser respondida: os conhecimentos sobre a babosa permanecem fortemente presentes na comunidade e são transmitidos principalmente pelas relações familiares e entre gerações, podendo ser valorizados e investigados à luz do conhecimento científico. Os resultados de 100% de reconhecimento da planta, 96,8% de utilização familiar, 95,2% de origem do conhecimento em pais ou avós e 93,7% de percepção de transmissão entre gerações reforçam a importância da família e da oralidade na preservação desses saberes.

As entrevistas com as avós aproximaram as estudantes da memória e da cultura da comunidade, enquanto a comparação com fontes científicas favoreceu uma postura crítica diante das diferentes formas de utilização da Aloe vera. Ao mesmo tempo, o desenvolvimento da pesquisa possibilitou compreender que nem todo conhecimento popular possui comprovação científica. A comparação entre os relatos familiares e as fontes pesquisadas ajudou as estudantes a desenvolver uma postura mais crítica diante das diferentes formas de utilização da babosa, diferenciando tradição, experiência pessoal e evidência científica.

O cultivo das mudas em recipientes recicláveis acrescentou uma dimensão de sustentabilidade à investigação. A aceitação dessa proposta por 88,9% das famílias e a

experiência prática das estudantes demonstraram possibilidades simples de reaproveitamento de materiais e cultivo em espaços reduzidos.

Conclui-se que o principal resultado foi a aprendizagem construída pelas próprias estudantes ao pesquisar, formular perguntas, entrevistar, ouvir, registrar, cultivar, aplicar questionários, organizar dados e construir conclusões. Uma planta conhecida no cotidiano tornou-se objeto de investigação envolvendo ciência, cultura, sustentabilidade e valorização dos saberes da comunidade.

5. Referências

AFUBRA. Verde é Vida. Santa Cruz do Sul: Associação dos Fumicultores do Brasil, 2026. Disponível em: https://afubra.com.br/verde-e-vida/. Acesso em: 7 ago. 2026.

ENTREVISTA concedida por Ivone Machado Bueno Festinalli e Jurema Unfer Forster às pesquisadoras. Arroio do Tigre, RS, jul. 2026.

LORENZI, Harri; MATOS, Francisco José de Abreu. Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas. 2. ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2008.

PESQUISA de levantamento de dados realizada com 63 famílias dos estudantes da EMEF Jacob Rech Segundo. Arroio do Tigre, RS, jul. 2026.

QUEIROGA, Vicente de Paula; GIRÃO, Ênio Giuliano; FIRMINO, Paulo de Tarso; ALBUQUERQUE, Esther Maria Barros de. Aloe vera (babosa): tecnologias de plantio em escala comercial para o Semiárido e utilização. Campina Grande: A Barriguda, 2019. 152 p. ISBN 978-85-67494-33-3.